

Ressignificações: sobre o tempo em Walter Benjamin e em Émile Benveniste

Resignifications: about the time in Walter Benjamin and Émile Benveniste

Aroldo Garcia dos Anjos ¹

RESUMO

Este trabalho filia-se ao campo das investigações acerca de uma antropologia histórica da linguagem, especialmente no que toca à busca de uma interface entre a linguística e a literatura. Presente nas reflexões de Walter Benjamin e de Émile Benveniste, a crítica à instrumentalidade da linguagem traz consigo desdobramentos para a forma como os autores concebem o tempo e a história. A partir da problematização da relação entre linguagem e experiência, proposta por Agamben, objetiva-se observar a expressão da temporalidade nas obras de ambos autores. Para tanto, serão discutidas e aproximadas noções fundamentais como as de tempo-agora e de tempo linguístico.

Palavras-chave: Benjamin. Benveniste. Tempo.

ABSTRACT

This article is grounded on the field of investigations about a historical anthropology of language, especially regarding to the search for an interface between linguistics and literature. Present in the reflections of Walter Benjamin and Émile Benveniste, the critique of the instrumentality of language changes the way the authors conceive time and history. Taking as basis the relationship between language and experience, proposed by Agamben, this discussion aims to observe the expression of temporality in the works of both authors. To this end, fundamental notions such as *Jetztzeit* and linguistic time will be discussed and approximated.

Keywords: Benjamin. Benveniste. Time.

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas/RS, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4014-8096>. E-mail: aroldodosanjos@gmail.com.



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inspirada na aproximação que Giorgio Agamben faz, em *Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência*, entre as concepções de linguagem de Walter Benjamin e de Émile Benveniste, a presente discussão² tem por objetivo explorar a expressão da temporalidade na obra desses autores. Visando um outro lugar para a experiência humana, Agamben (2008) opõe-se à concepção de uma substância pré-subjetiva ou de um sujeito pré-linguístico. Para tanto, apoia-se em Benjamin, em sua crítica à expropriação da experiência, e em Benveniste, em sua consideração da linguagem como constituidora da história. Conceber a linguagem em sua dimensão simbólica faz com que ambos autores se contraponham a uma concepção de língua totalizante. Por consequência, presente em suas reflexões, a crítica à instrumentalidade da linguagem traz consigo desdobramentos para a forma como o tempo é concebido: de modo qualitativo, não simplesmente cronológico.

Em um primeiro momento, será abordada a concepção de linguagem em Benjamin. Para essa discussão, serão de grande valia as leituras de Jeanne Marie Gagnebin (1999, 2005) e de Giorgio Agamben (2008). Oposta ao primado da razão, do sentido uno, da linearidade e da exposição sistemática totalizante, a perspectiva benjaminiana leva em conta a essência linguística do homem e tem a linguagem como constituinte de realidades, uma vez que não a toma como um simples instrumento ou meio para chegar a uma verdade. Serão apresentados, então, elementos da obra de Benjamin (1984, 1987, 2009, 2016) acerca do tempo, em especial do conceito de tempo-agora (*Jetztzeit*), pela crítica ao tempo linear e contínuo e pela consideração do presente como repleto de história. Para melhor compreensão dessa concepção particular de temporalidade, conceitos como os de origem (*Ursprung*) – em oposição aos de gênese (*Entstehung*) e de desenvolvimento (*Entwicklung*) – e o de história serão observados.

Em um segundo momento, será apresentada uma leitura de elementos da obra de Émile Benveniste com vistas a explorar a noção de tempo e a ideia de atualização da experiência, tendo em vista a indissociabilidade de subjetividade e linguagem. Para isso, serão revisitados conceitos como os de categoria de pessoa, dêiticos, expressões de temporalidade, discurso como atividade e enunciação. Nesse percurso, uma atenção especial será dada aos diferentes tipos de tempo, como apresentados por Benveniste. Toma-se, assim, a obra de Benveniste como uma reflexão maior sobre linguagem

² A presente discussão é derivada da dissertação intitulada *Lavar a névoa: o tempo em Satolep, de Vitor Ramil*, defendida em julho de 2020. Sobre a problematização acerca de linguagem e experiência, ver o capítulo I, intitulado “A linguagem em questão”. Pelas valiosas contribuições, agradeço à minha orientadora Daiane Neumann, assim como à professora Luiza Milano e ao professor Helano Ribeiro.





enquanto constituidora do ser humano, conforme a leitura de Gérard Dessons (2006) com foco no que foi denominado por Henri Meschonnic (1982), em *Critique du rythme*, uma “antropologia histórica da linguagem”, concepção na qual a noção de discurso é pensada como subjetivação, como processo de individuação. Dessons e Meschonnic (2003, p. 234) definem a historicidade como “um elemento imprevisível”³ e a antropologia histórica da linguagem como um olhar sobre a história das sociedades humanas através da “crítica do estatuto da linguagem nas atividades sociais e nas representações culturais”⁴ (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 233). Dessons (2006, p. 14) observa, com isso, uma ciência do homem desenvolvida a partir do que confere às relações humanas um significado sempre renovado, tomando cada presente de fala como específico, criação sem fim, construção incessante.

2 BENJAMIN: O PRESENTE CHEIO DE PASSADO

É objetivo, aqui, apresentar o conceito benjaminiano de *Jetztzeit*, tempo-agora⁵, pela riqueza de sua definição como presente repleto de passado, a partir de uma concepção de linguagem constituidora. Para tanto, será necessário, no entanto, que partamos de conceitos como o de origem, em oposição aos de gênese e de desenvolvimento, e os de história e de rememoração, chegando à discussão sobre tempo e, conseqüentemente, ao *Jetztzeit*.

A Benjamin interessa o que é da ordem do artesanal e que possui ainda alguma aura. Não é sem fundamento que, em *O narrador*⁶, texto de 1936, ao discorrer acerca da oralidade, o autor faz referência ao que é manual, ao tecer de redes, ao trabalho com a argila, em suma, à figura do artesão que trabalha “a matéria-prima da experiência” (BENJAMIN, 1987, p. 221). A história, nessa perspectiva, aparenta-se à tarefa do colecionador que apresenta os objetos como peças de um museu, diferentemente do historiador moderno, que busca na descrição positivista relações de causa entre acontecimentos. Não é à toa que Benjamin recorre elogiosamente à narração do “pai da história”, Heródoto, que, em suas *Histórias*, “não explica nada” (BENJAMIN, 1987, p. 204) e consegue, com

³ Tradução minha. No original: “L’historicité est un élément imprédictible”.

⁴ Tradução minha. No original: “Rapport à l’histoire des sociétés humaines qui passe par la critique du statut du langage dans les activités sociales et dans les représentations culturelles”.

⁵ Formado pelo substantivo *Zeit*, “tempo”, e pelo advérbio *jetzt*, “agora”, o conceito benjaminiano de *Jetztzeit* recebeu diferentes traduções para o português. Algumas delas são: “tempo-agora” (Henrique Burigo), “tempo-do-agora” (João Barrento), “agora” e “agoras” (Sérgio Rouanet), “agoridade” (Haroldo de Campos). *Jetztzeit* está dicionarizado como sinônimo de *Gegenwart*, “presente”, possuindo a ideia de “tempo atual”. As traduções para o francês fizeram mais uso dessa proximidade: “temps actuel” (Pierre Missac), “à-présent” (Maurice de Gandillac).

⁶ Ou *O contador de histórias*, pela tradução de João Barrento, cujo título reforça a ideia da oralidade.



isso, que a história seja capaz, mesmo após milênios, de nos provocar espanto e nos levar à reflexão. Para Benjamin, porém, o gradual desaparecimento da figura do contador de histórias e o declínio da narrativa oral acompanhariam a dificuldade da experiência na modernidade. Evocando as palavras de Paul Valéry, diz o autor: “o homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado” (BENJAMIN, 1987, p. 206). Opõe-se, assim, a arte de narrar, que integra o acontecimento à vida do narrador, à difusão da informação, simples tentativa de transmissão de acontecimentos, com caráter de verdade.

Nas questões introdutórias de crítica do conhecimento, em *Origem do drama barroco alemão*⁷, de 1925, também conhecidas como prólogo epistemológico-crítico, Benjamin observa que as ideias são dadas na linguagem, que, como já vimos, não é limitada à comunicação: “a ideia é algo de linguístico, é o elemento simbólico presente na essência da palavra” (BENJAMIN, 1984, p. 59). Caberia ao filósofo recuperar o seu caráter simbólico através de sua apresentação⁸ (*durch Darstellung*), não de sua representação.

Jeanne Marie Gagnebin observa que, com isso, Benjamin se afasta justamente da filosofia da representação, “no sentido clássico de representação mental de objetos exteriores ao sujeito” (GAGNEBIN, 2005, p. 184). Segundo a autora, a apresentação (ou exposição) “não diz respeito apenas à ordenação de elementos já escolhidos, mas ao próprio recolher e acolher desses elementos pelo pensar” (GAGNEBIN, 2005, p. 186). Esse recolhimento já é uma espécie de retrabalho do recolhido. Pelas palavras de Benjamin: “a filosofia não pode ter a arrogância de falar no tom da revelação, essa tarefa só pode cumprir-se pela reminiscência, voltada, retrospectivamente, para a percepção original” (BENJAMIN, 1984, p. 59). É importante, todavia, demarcar de que origem se fala aqui. Benjamin discorre sobre uma diferença fundamental, em sua obra, entre origem (*Ursprung*) e gênese (*Entstehung*), fortalecendo o caráter anacrônico que ele busca.

Enquanto a gênese (*die Entstehung*) estaria ligada à causalidade, por supor o vir-a-ser daquilo que se origina e o encadeamento causal dos acontecimentos, a origem (*der Ursprung*)⁹ supõe um salto (*der Sprung*) original que emerge do vir-a-ser e de sua extinção, em um instante de ruptura: “A origem se localiza no fluxo do vir-a-ser como um torvelinho, e arrasta em sua corrente o material produzido pela gênese” (BENJAMIN, 1984, p. 67). Em sua capacidade dialética, o originário direciona-se ao

⁷ Pela tradução de Sérgio Rouanet. Por sua vez, João Barrento traduz *Ursprung des deutschen Trauerspiels* por *Origem do drama trágico alemão*, tentando marcar a diferença entre o drama trágico do barroco e a tragédia grega. O termo *Trauerspiel*, que envolve o luto (*Trauer*), é de difícil tradução. Alguns tradutores propõem a expressão “drama lutuoso”.

⁸ Rouanet traduz *Darstellung* por representação. Para evitar possíveis conflitos no pensamento benjaminiano, optei por “apresentação”, como o fazem Gagnebin e Barrento, por exemplo.

⁹ O prefixo *ur-*, quando usado junto a substantivo, pode caracterizar algo ou alguém como ponto de partida, distante no tempo, no início; como o primeiro; como pertencente a uma geração anterior. Algumas possibilidades em português: original, primevo, primordial, auroral.



novo por libertar-se do fluxo contínuo do vir-a-ser. Pelas palavras de Benjamin (1984, p. 68), “O originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado”.

O método benjaminiano não é, pois, da ordem da linearidade. Ele é, por assim dizer, saltitante (*sprunghaft*). Diferente de gênese, como lugar onde as coisas nascem, a origem aponta para a ideia de escavação do presente a partir do trabalho da memória. Esse pulo a algo anterior, *der Ursprung*, serve para encarar o que lá está em potência e que produz efeitos no agora, mesmo que de modo oculto: “A origem, portanto, não se destaca dos fatos, mas se relaciona com sua pré e pós-história” (BENJAMIN, 1984, p. 68).

No capítulo “Origem, Original, Tradução”, presente em *História e Narração em Walter Benjamin*, Gagnebin se propõe a analisar as ligações que unem o conceito de origem (*Ursprung*) à reflexão benjaminiana sobre a modernidade, argumentando que “o movimento constitutivo da origem, ao mesmo tempo de restauração e de dispersão, caracteriza vários momentos essenciais da reflexão de Benjamin” (GAGNEBIN, 1999, p. 9). Como base nessa reflexão, a autora discute também a questão da tradução como indissociavelmente atrelada aos conceitos de história e de tempo.

Gagnebin (1999) aponta que, da mesma forma que opõe origem (*Ursprung*) à gênese (*Entstehung*), em *Origem do drama barroco alemão*, Benjamin a contrapõe à ideia de desenvolvimento (*Entwicklung*) em *Sobre o conceito de história* e nas *Passagens*. Benjamin busca, com isso, uma concepção de história na qual a origem foge ao estabelecimento de relação causal entre acontecimentos do passado. A esse respeito, a autora observa que “*Ursprung* designa, portanto, a origem como salto (*Sprung*) para fora da sucessão cronológica niveladora à qual uma certa forma de explicação histórica nos acostumou” (GAGNEBIN, 1999, p. 10). A esse discurso ronronante, Benjamin opõe, em suas teses sobre a história, a vitalidade de sua noção de origem (*Ursprung*), capaz de fazer voar pelos ares (*heraussprengen*) os estilhaços da cronologia histórica oficial e, nessa interrupção do *continuum*, permitir que o passado esquecido surja de novo (*entspringen*), retomado no presente.

Gagnebin (1999) afirma que, com isso, Benjamin se afasta de leituras nostálgicas a serviço apenas de uma origem imaculada. A origem é vista aqui como conceito histórico, distintamente das Ideias atemporais de Platão. A origem (*Ursprung*) “é ao mesmo tempo indício da totalidade e marca notória da sua falta” (GAGNEBIN, 1999, p. 14), aponta para uma promessa de realização na história, mas sem garantia alguma de cumprimento ou de redenção. A origem (*Ursprung*) é, pois, nesse sentido, precária. Ela é incapaz de, como lembrança, agarrar uma substância: “Se a origem



remete, então, a um passado, isso se dá sempre através da mediação do lembrar ou da leitura dos signos e dos textos, através da rememoração¹⁰ (*Eingedenken*)” (GAGNEBIN, 1999, p. 14).

É oportuno, aqui, recuperar a tese VI, de Benjamin, em *Sobre o conceito da história*: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1987, p. 224). Essa tentativa de restauração, que expõe em si sua própria precariedade, evidencia que o pensamento de Benjamin não é da ordem do fechamento. É justamente por esse trabalho com extremos – promessa de totalização e sua incapacidade – que se dá a abertura para o futuro, “porque o passado enquanto passado só pode voltar numa não-identidade consigo mesmo” (GAGNEBIN, 1999, p. 14). Sendo assim, não se trata de restauração do idêntico, mas sim da emergência do novo.

Gagnebin aponta que a origem, o *Ursprung*, não é uma atemporalidade paradisíaca que preexiste à história, mas sim ele surge na densidade do histórico, uma vez que “origem não está ligada a um aquém mítico ou a um além utópico que deveria ser reencontrado apesar do tempo e apesar da história” (GAGNEBIN, 1999, p. 19). Na noção de história de Benjamin, há uma temporalidade própria. É nesse confronto essencial entre origem e história que, segundo a autora, encontramos o tema-chave de toda a filosofia benjaminiana, tanto na *Origem do drama trágico alemão*, como “esboçar as ‘constelações’ salvadoras das Ideias”, quanto nas suas teses em *Sobre o conceito de história*, como “discernir a constelação revolucionária entre o presente e o passado” (idem, p. 19).

No ensaio intitulado *Tempo e história, crítica do instante e do contínuo*, Agamben traça um breve panorama sobre a experiência ocidental do tempo, correlacionando-a com a história. O autor afirma que “Toda concepção da história é sempre acompanhada de uma certa experiência do tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz” (AGAMBEN, 2008, p.111). Seu objetivo é o de repensar o tempo no materialismo histórico, a partir de apontamentos feitos por Benjamin em suas teses sobre a filosofia da história, segundo os quais a falta de uma concepção própria do materialismo histórico sobre o tempo forçou-o a adotar uma experiência temporal tradicional, não condizente com a concepção revolucionária da história que a teoria trazia.

Agamben aproxima a noção grega de *cairós* do conceito benjaminiano de tempo-agora (*Jetztzeit*). Tal conceito, abordado por Benjamin em suas teses em *Sobre o conceito de história*, terá um papel importante na sua concepção de experiência transformadora da história. A conjunção desses elementos lhe permite repensar o tempo: “ao instante vazio e quantificado, ele opõe um ‘tempo-

¹⁰ Diferentemente de Rouanet (BENJAMIN, 1984), Gagnebin (1999, p. 71) opta por traduzir *Eingedenken* por “rememoração”, ressaltando sua ligação a um contexto litúrgico e religioso, enquanto traduz *Erinnerung* por “lembrança” ou “lembrar”. João Barrento opta por traduzir *Eingedenken* por “presentificação anamnésica”.

agora' (*Jetzt-Zeit*), entendido como suspensão messiânica do acontecer, que 'reúne em uma grandiosa abreviação a história da humanidade'" (AGAMBEN, 2008, p. 124). Esse tempo pleno é, como o tempo messiânico do hebraísmo, o tempo da emergência, da construção da história.

É por uma crítica ao instante e ao contínuo que Benjamin considera o tempo presente como repleto de história. O tempo-agora (*Jetztzeit*), esse presente no qual reverbera a história, apresenta-se como a crítica da visão temporal do progresso, cuja marcha avança num tempo linear: "A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'" (BENJAMIN, 1987, p. 229). Partindo da noção de origem (*Ursprung*), de salto que irrompe na linearidade, a crítica à ideia de progresso faz nascer, assim, a concepção de história e, conseqüentemente, de tempo-agora (*Jetztzeit*), de Benjamin. Segundo o autor, o materialista histórico assume, assim, um conceito de presente que não é simples transição e que define o presente em que ele mesmo escreve a história. Enquanto o historicista apresenta uma imagem eterna do passado, cabe ao materialista histórico, então, "fazer saltar pelos ares o *continuum* da história" (BENJAMIN, 1987, p. 231). Desse modo, é um princípio de não-linearidade e de simultaneidade que se instaura a partir da concepção benjaminiana do tempo.

Retomamos aqui observações de Gagnebin (1999) acerca da diferença, na filosofia da história de Benjamin, entre os conceitos de lembrança (*Erinnerung*) e de rememoração (*Eingedenken*). Esses dois componentes da memória se deixam diferenciar por suas dinâmicas. Enquanto a recordação segue seu fluxo voraz, sem fim nem objetivo, a rememoração se exprime em uma necessidade de recapitulação, "na dinâmica infinita de *Erinnerung*, que submerge a memória individual e restrita, mas também na concentração do *Eingedenken*, que interrompe o rio, que recolhe, num só instante privilegiado, as migalhas dispersas do passado para oferecê-las à atenção do presente" (GAGNEBIN, 1999, p. 80).

Esse instante privilegiado, do qual nos fala a autora, se dá por uma interrupção no *continuum*, da qual emergem as imagens dialéticas que, como mônadas, retêm o tempo em uma intensidade cairológica: "As imagens dialéticas nascem da profusão da lembrança, mas só adquirem uma forma verdadeira através da intensidade imobilizadora da rememoração" (GAGNEBIN, 1999, p. 80).

Observemos como a imagem do anjo da história, a partir do quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, nos é apresentada por Benjamin na tese IX. O anjo tem seu rosto voltado ao passado, o qual ele encara estarecido com olhos esbugalhados e asas abertas: "Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as



dispersa a nossos pés” (BENJAMIN, 1987, p. 226). Tal qual a figura do coletor¹¹, que apanha das ruínas os objetos para apresentá-los, o anjo da história “gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos” (BENJAMIN, 1987, p. 226). No entanto, algo lhe impede de parar, uma tempestade que lhe sopra em direção ao futuro e que chamamos de progresso: “Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu” (BENJAMIN, 1987, p. 226).

Por essa razão, para Benjamin, é necessário que o historiador se volte contra a causalidade do tempo linear, fazendo mais recurso de mostrar que de explicar. Para tanto, a ideia de montagem possui importância fundamental. No arquivo N do livro das *Passagens*, encontramos fragmentos metodológicos de Benjamin que nos levam a essa concepção de montagem relacionada ao mostrar: “Este trabalho deve desenvolver ao máximo a arte de citar sem usar aspas. Sua teoria está intimamente ligada à da montagem” (BENJAMIN, 2009, p. 500). No que segue:

Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os. (BENJAMIN, 2009, p. 502)

Percebe-se que há uma convergência da concepção de história e do uso que se faz das imagens. Pelas palavras de Benjamin: “A imagem dialética é uma imagem que lampeja. É assim, como uma imagem que lampeja no agora da cognoscibilidade, que deve ser captado o ocorrido” (BENJAMIN, 2009, p. 515). Imagem tem a ver com construção, com uma concepção de história na qual se possa pensar em uma ideia de libertação do homem, de emancipação. Também é ressaltado o compromisso com os resíduos, com o que resta, com o que costuma ser negativado e deixado de lado pela escrita da história. Para Benjamin, a ideia de revolução tem a ver, pois, com uma suspensão dessa linearidade, com um momento no qual o tempo vazio e linear, progressista, é interrompido, como se pode ver no manuscrito 1100 do Arquivo Benjamin, uma nota preparatória da escrita das suas teses sobre o conceito de história: “Marx diz que as revoluções são a locomotiva da história universal. Mas talvez as coisas se passem de maneira diferente. Talvez as revoluções sejam o gesto de acionar o travão de emergência por parte do gênero humano que viaja nesse comboio” (BENJAMIN, 2016, p. 177).

A liberdade é buscada não no progresso, mas na radical interrupção do tempo. Benjamin busca um materialismo histórico cujo “conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização”

¹¹ Como observamos em *O narrador*.





(BENJAMIN, 2009, p. 502). Como realça Mi-Ae Yun, em *Walter Benjamin como contemporâneo de Bertolt Brecht*¹², a “atualização é uma categoria que redefine a relação entre passado e presente¹³” (YUN, 2000, p. 76). No pensamento de Benjamin, o passado apodera-se do presente através do tempo-*agora* (*Jetztzeit*). A autora observa que as imagens dialéticas são involuntárias, o que lhes aproxima do inconsciente, uma vez que “A rememoração involuntária é o modo no qual o passado só pode ser reconhecido em um determinado tempo¹⁴” (2000, p. 77). Em síntese, a autora defende que Benjamin, com o conceito de atualização (*Aktualisierung*) e com a imagem dialética, acolhe a questão do inconsciente no processo histórico, no interesse de liberar “as imensas forças da história” (BENJAMIN, 1991b, p. 1033 *apud* YUN, 2000, p. 77).

Pelas palavras de Benjamin na nota K 1,2 das *Passagens*: “Existe um saber ainda-não-consciente do ocorrido cuja promoção tem a estrutura do despertar” (BENJAMIN, 2009, p. 434). Pensamos, com isso, que o fragmentário e descontínuo são momentos de liberdade que interrompem o *continuum*, e a tradição é vista na sua relação com o presente, nas tensões que pululam no agora: “O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu *interior* o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas” (BENJAMIN, 1987, p. 231). Aos apontamentos de Benjamin (1987), Agamben acrescenta, ainda, a importância da dimensão do prazer, tomando a história como o seu lugar próprio: “ao tempo cronológico da pseudo-história deve-se opor o tempo cairológico da história autêntica” (AGAMBEN, 2008, p. 128). A consideração da experiência do prazer leva a um caráter qualitativo do tempo, que em tudo difere da história como tempo linear no qual os fatos estão dispostos como acabados. A concepção de passado de Benjamin não é da ordem do fechamento, ela está em diálogo com o presente, tendo em vista a imagem da felicidade (*Glück*) em sua relação com a redenção (*Erlösung*):

(...) a imagem da felicidade está indissolivelmente ligada à da salvação¹⁵. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram? (BENJAMIN, 1987, p. 223)

A redenção (*Erlösung*) consiste nesse estado permanente de emergência, pois “O ‘agora’, que como modelo do messiânico abrevia num resumo incomensurável a história de toda a humanidade,

¹² Tradução minha. No original: *Walter Benjamin als Zeitgenosse Bertolt Brechts*.

¹³ Tradução minha. No original: “Aktualisierung ist eine Kategorie, die das Verhältnis von Vergangenheit und Gegenwart neu bestimmt”.

¹⁴ Tradução minha. No original: “Das unwillkürliche Eingedenken ist der Modus, in dem das Vergangene erst in einer bestimmten Zeit erkennbar wird”.

¹⁵ Rouanet traduz *Erlösung* ora por “salvação”, ora por “redenção”.





coincide rigorosamente com o lugar ocupado no universo pela história humana” (BENJAMIN, 1987, p. 232). Nas teses de Benjamin, percebe-se, assim, a tomada do tempo-agora (*Jetztzeit*) como um átimo de experiência libertadora capaz de romper o *continuum* e, em diálogo com as brechas suprimidas do passado, promover a atualização (*Aktualisierung*), resignificando o presente em sua vinculação com a história humana. Para Benjamin, a tarefa do historiador seria, assim, a de redimir as vozes silenciadas do passado, opondo-se à conivência do historicismo para com os vencedores. A partir das ruínas, fazer emergir no presente o que foi suprimido, interpretando-o desde suas tensões, resignificando-o.

3 BENVENISTE: O TEMPO FUNDANTE

Sobretudo nas seções intituladas “O homem na língua”, presentes nos livros *Problemas de Linguística Geral I e II*, encontramos observações de Émile Benveniste a respeito do caráter específico e fundante da linguagem humana. No entanto, essa discussão não se limita aos textos contidos nessas seções. Tendo em conta as discussões levantadas por Benveniste sobre subjetividade, que partem da análise dos pronomes pessoais, estendendo-se aos dêiticos e chegando à reflexão sobre o tempo, propomos resgatar as considerações do autor sobre a percepção e a expressão da temporalidade. Para tanto, passaremos pelas reflexões de Benveniste sobre o tempo *físico* e o tempo *crônico* para, finalmente, a discussão do tempo *linguístico*. É nosso intuito, aqui, chamar a atenção para o tempo constituidor, fundante de uma subjetividade no processo de atualização¹⁶ e singularização da experiência humana.

Retomamos, aqui, a constatação de Benveniste sobre a intrínseca relação entre subjetividade, singularidade e expressão da temporalidade. Em *Da subjetividade na linguagem*, o autor define o presente em sua coincidência com o discurso, chamando-o de o tempo no qual se fala e que remete a si próprio. O exercício da linguagem é, pois, *sui-referencial*; ele remete a si mesmo e evidencia a relação entre subjetividade e linguagem, uma vez que “a temporalidade humana com todo o seu aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 289). Ao analisar o fenômeno da *deixis*, o autor observa aí, ao lado dos pronomes pessoais, fortes indicadores de subjetividade na linguagem que elaboram as referências espaciais e temporais ao redor de “eu”. Com isso, ressalta que a referência temporal parte de um dado linguístico, não de um

¹⁶ A respeito de “atualização”, encontram-se discussões específicas em Pachalski e Anjos (2019) e em Neumann e Anjos (2020). Em minha dissertação, aprofundo a discussão sobretudo na subseção “O semiótico, o semântico e a atualização”, p. 73-80.



quadro temporal prévio à linguagem ou independente desta. Observamos, a partir de agora, considerações mais detalhadas de Benveniste sobre o tempo, tomando como base, especialmente, os textos *As relações de tempo no verbo francês*, de 1959, e *A linguagem e a experiência humana*, de 1965.

Em *As relações de tempo no verbo francês*, texto contemporâneo ao *Da subjetividade na linguagem*, pode-se perceber uma tentativa de aprofundamento da relação entre os pronomes, o tempo e a subjetividade. Ao analisar o conjunto das formas pessoais do verbo em francês, Benveniste distingue dois planos de enunciação, o da história e o do discurso. No plano histórico da enunciação, não vemos o aparelho formal do discurso, calcado na relação “eu: tu”. Segundo o autor, “os acontecimentos parecem narrar-se a si mesmos” (BENVENISTE, 2005, p. 267). Em contrapartida, é justamente a relação intersubjetiva que está no cerne do plano do discurso. Tem-se aí outro sistema temporal, no qual todas as formas podem ser empregadas, opondo o par “eu: tu” a “ele”: “alguém se dirige a alguém, se enuncia como locutor e organiza aquilo que diz na categoria da pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 267).

A enunciação histórica comportaria três tempos verbais em francês, o aoristo, o imperfeito e o mais-que-perfeito. Assim, o presente é excluído. Na enunciação do discurso, todos os tempos seriam possíveis, exceto um, o aoristo. Os tempos fundamentais desta última seriam o presente, o futuro e o perfeito. Chega-se, então, à análise do tempo “perfeito”, o tempo do testemunho participante, tempo da coincidência do dizer com a instância da enunciação, pois “a marca temporal do perfeito é o momento do discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 270). Dessons (2006) observa, no entanto, que é necessário ter cautela quanto à terminologia ao pensar a divisão da temporalidade da linguagem em dois sistemas, uma vez que todo ato de linguagem sempre implica um sujeito da enunciação que se enuncia a partir de um presente que é o tempo da fala, seja ela uma enunciação oral ou escrita.

Assim como procede acerca da subjetividade, Benveniste retoma a análise das categorias de expressão de pessoa e de tempo, bem como a de espaço, em *A linguagem e a experiência humana*. Como algo constante e comum às diferentes línguas do mundo, o autor observa certas categorias de expressão fundamentais do discurso, das quais ele se propõe a esclarecer a de pessoa e a de tempo. Benveniste enfatiza que, ainda que as formas que revestem essas categorias sejam inventariadas, não se podem compreender claramente suas funções sem o seu estudo na produção do discurso.

Benveniste observa, assim, que a língua possui formas que permitem, através de sua apropriação, a atualização da experiência e a existência da linguagem como atividade: “Esta é a experiência central a partir da qual se determina a possibilidade mesma do discurso”



(BENVENISTE, 2006, p. 69). O que está em questão nessa análise é que pela enunciação de “eu” e pela oposição a “tu” e a “ele” que o homem se coloca em sua individualidade: “para aquele que o enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos” (BENVENISTE, 2006, p. 69).

Assim, como em *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste propõe que essa dialética dos pronomes é uma experiência que “está lá, inerente à forma que a transmite, constituindo a pessoa no discurso e conseqüentemente toda pessoa desde que ela fale” (BENVENISTE, 2006, p. 69). Junto a esse jogo pronominal, os dêiticos e o sistema das coordenadas espaciais também recebem sua realidade apenas pelo discurso:

Indicando os objetos, os demonstrativos organizam o espaço a partir de um ponto central, que é Ego, segundo categorias variáveis: o objeto está perto ou longe de mim ou de ti, ele é também orientado (defronte ou detrás de mim, no alto ou em baixo), visível ou invisível, conhecido ou desconhecido, etc. (BENVENISTE, 2006, p. 69-70)

Na consideração das formas linguísticas que funcionam como reveladoras da experiência subjetiva, Benveniste dá especial atenção às que exprimem o tempo, por considerá-las as mais ricas no que toca à revelação da experiência subjetiva na língua. Benveniste procura demonstrar que o termo “tempo” recobre representações muito diferentes e que a língua o conceitualiza de modo ainda mais específico.

Ao propor que as noções de tempo e espaço orbitam ao redor de “eu”, “centro e ponto de referência” (BENVENISTE, 2006, p. 70), Benveniste refuta a ideia da língua como um decalque da realidade, pois considera que as línguas a constroem de modo diverso, elaborando inclusive um sistema temporal *sui generis*: “As línguas não nos oferecem de fato senão construções diversas do real, e é talvez justamente no modo pelo qual elas elaboram um sistema temporal complexo que elas são mais divergentes” (BENVENISTE, 2006, p. 70). Em função disso, Benveniste descreve duas noções distintas de tempo, para depois detalhar um tempo específico da língua. Interessa-lhe, com isso, buscar uma noção de tempo que informe todas as línguas, ou seja, um universal da linguagem. Para tanto, são apresentados, a seguir, os tempos físico, crônico e linguístico.

O tempo *físico* do mundo é rapidamente descrito por Benveniste como “um contínuo uniforme, linear, segmentável à vontade” (BENVENISTE, 2006, p. 71) que tem por correlato, na percepção humana, uma duração completamente variável, medida pelas emoções e pelo ritmo da





vida interior. Por considerá-la bastante conhecida, Benveniste não se detém nessa oposição. Trata-se, basicamente, do que vulgarmente conhecemos por tempo objetivo e subjetivo.

Dessa oposição, Benveniste distingue ainda o tempo *crônico*, cuja característica principal é a de ser o tempo dos acontecimentos percebidos como sequência. Trata-se do tempo vivido e marcado por nossa visão de mundo, pela existência pessoal. Para a percepção do indivíduo, esse é o único tempo, que “corre sem fim e sem retorno” (BENVENISTE, 2006, p. 71), sendo impossível reencontrar o ontem ou o próprio instante que acaba de passar. Benveniste ressalta uma propriedade essencial desse tempo: ele admite uma consideração bidirecional, podendo ser observado do passado ao presente ou do presente ao passado. Nossa visão pode percorrer essas direções enquanto que nossa vida corre num único sentido, pela percepção do tempo físico do mundo. No entanto, o que é importante de ser considerado aqui é a noção de acontecimento: “No tempo crônico, o que denominamos ‘tempo’ é a continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos. Porque os acontecimentos não são o tempo, eles estão *no tempo*” (BENVENISTE, 2006, p. 71, grifo do autor).

Benveniste observa que se encontra em todas as sociedades humanas, como condição necessária, um esforço para objetivar o tempo crônico: “Este tempo socializado é o do calendário” (BENVENISTE, 2006, p. 72), baseado na recorrência de fenômenos da natureza, como a alternância do dia e da noite, o movimento do sol, as fases da lua, entre outros tantos. Benveniste aponta, então, três condições necessárias do tempo crônico: um eixo *estativo*, momento axial que serve como ponto zero do cômputo; uma visada *diretiva*, marcada pela oposição antes/depois relativa ao eixo de referência; uma divisão *mensurativa*, que denomina os intervalos constantes entre as recorrências:

São estes pontos de referência que dão a posição objetiva dos acontecimentos, e que definem também *nossa* situação em relação a estes acontecimentos. Eles nos informam no sentido próprio *onde* estamos na vastidão da história, qual o nosso lugar em meio à sucessão infinita dos homens que viveram e das coisas que aconteceram. (BENVENISTE, 2006, p. 73)

Benveniste frisa a importância do tempo crônico e sua estrutura de permanência e de fixidez. O autor realça, no entanto, que, embora pareça natural, a organização desse tempo é intemporal, ou seja, o calendário é exterior ao tempo, não o acompanha. O tempo crônico é estranho ao vivido, as medidas e divisões dos acontecimentos “não coincidem com as categorias próprias da experiência humana do tempo” (BENVENISTE, 2006, p. 74). A ideia de tempo é, pois, mudança, ainda que se procure fixá-lo por uma tentativa de objetivação.





Nesse contexto, Benveniste passa a descrever um terceiro nível do tempo, o qual denomina *linguístico*. Para tanto, é necessário novamente fazer distinções, mostrando o que há de próprio desse tempo se contrastado com os antecessores: “Uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é inseri-lo no tempo da língua. É pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irredutível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico” (BENVENISTE, 2006, p. 74).

Benveniste põe em evidência o fato de o tempo linguístico ser organicamente ligado ao exercício da fala, definindo-se e organizando-se como função do discurso. O seu centro gerador e axial está no presente da instância de fala. Toda vez que um locutor se apropria da língua empregando a forma do presente, “ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona” (BENVENISTE, 2006, pp. 74-75). Esse presente do qual fala Benveniste não pode ser localizado em uma divisão particular do tempo crônico, visto que “O locutor situa como ‘presente’ tudo que aí está implicado em virtude da forma linguística que ele emprega. Este presente é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido” (2006, p. 75). O presente se desloca com a progressão do discurso, mantendo-se ainda assim como presente e criando a divisão entre outros dois momentos que são engendrados por ele. Também inerentes ao exercício da fala, nesses momentos pode-se observar a não-contemporaneidade do discurso: “[...] o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção” (BENVENISTE, 2006, p. 75).

Benveniste afirma, assim, que a linguagem não possui outra expressão temporal que o presente, marcado pela coincidência do acontecimento e do discurso. A língua situa os tempos não-presentes como “pontos de vista para trás ou para frente *a partir do presente*” (BENVENISTE, 2006, p. 75, grifo do autor). O presente axial do discurso determina as demais referências temporais, projetadas para trás ou para frente: “Esta parece ser a experiência fundamental do tempo, de que todas as línguas dão testemunho à sua maneira. Ela informa os sistemas temporais concretos e notadamente a organização formal dos diferentes sistemas verbais” (BENVENISTE, 2006, p. 76).

Se pensarmos nas formulações de textos posteriores, sobretudo em *O aparelho formal da enunciação*, podemos dizer que é a radicalidade da noção de enunciação que permite Benveniste considerar o tempo linguístico como aquilo que significa os demais tempos, físico e crônico. O presente da instância de fala constrói as ideias de passado (temporalidade retrospectiva) e de futuro



(temporalidade prospectiva). A instância de discurso é o eixo a partir do qual a língua ordena o tempo. Nascido na enunciação, o presente axial do discurso é, por essa razão, o único tempo inerente à língua. De acordo com Benveniste (2006, p. 77), “Do tempo linguístico indicamos a sua emergência no seio da instância de discurso que o contém em potência e que o atualiza”. Essa interpretação será reforçada no texto sobre o aparelho formal da enunciação:

O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos ‘tempo’; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar e o que já não o é mais. (BENVENISTE, 2006, p. 85-86)

Benveniste observa que a emergência do tempo linguístico se dá na instância de discurso que o contém e o atualiza, mas, no entanto, o ato de fala é individual, posto que a instância é sempre nova. Visto no processo de comunicação, o “eu” é o regulador do tempo do discurso, constituição de uma subjetividade num tempo e num espaço. No entanto, a temporalidade linguística somente é possível no universo interpessoal: “a temporalidade que é minha quando ela organiza meu discurso, é aceita sem dificuldade como sua por meu interlocutor. Meu ‘hoje’ se converte em seu ‘hoje’ [...]” (BENVENISTE, 2006, p. 77). Junto ao processo de reversibilidade ocorre, ainda, a conversão da temporalidade. Assim, o tempo linguístico “nem se reduz às divisões do tempo crônico nem se fecha em uma subjetividade solipsista. Ele funciona como um fator de intersubjetividade, o que de unipessoal ele deveria ter o torna onipessoal” (BENVENISTE, 2006, p. 78). Benveniste observa, ainda, que é necessária uma translocação espacial e temporal para objetivar pronomes e dêiticos, já que possuem cada vez um referente único, ganhando sua substância na instância de discurso.

Com a análise do tempo linguístico, Benveniste demonstra, assim, que a intersubjetividade tem sua temporalidade, seus termos e suas dimensões próprias, marcando na língua “a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro” (BENVENISTE, 2006, p. 80). Nesse universo interpessoal, Benveniste mostra que o ato de apropriação da língua é sempre da ordem da singularidade, instaura uma subjetividade e um *aqui* e *agora* irrepetíveis. O sujeito institui-se, assim, na e pela enunciação. Com isso, encontramos em Benveniste uma reflexão maior sobre a linguagem enquanto constituidora do ser humano, como o espaço fundamental da singularidade, ressaltando, assim, a dimensão antropológica de sua obra. O problema da individuação traz consigo a relação do discurso com o tempo, que “estabelecida pela



instanciação do sujeito no presente de sua fala, faz da linguagem a condição mesma da história”¹⁷ (DESSONS, 2006, p. 109). Subjetividade e historicidade são indissociáveis, por esse ponto de vista, pois a enunciação não é um produto da história, ela é antes sua condição, ela funda a historicidade, uma vez que, a partir da apropriação da língua, ocorre o “processo infinito da individuação”¹⁸ (DESSONS, 2006, p. 110), sempre de maneira nova.

À vista disso, Dessons (2006) considera a enunciação como uma aventura da subjetividade que se revela crítica à autonomia do eu e à consciência, noções que representam permanência na filosofia idealista. A concepção enunciativa de Benveniste revê a noção de pessoa, ligada historicamente ao exercício da razão. Para Benveniste, é no processo de individuação do locutor como pessoa de discurso que ele se torna antropologicamente uma pessoa. Dessons afirma que, de um ponto de vista histórico e antropológico da linguagem, o sujeito da linguagem e a pessoa humana constroem-se concomitantemente: “[...] podemos pensar que ele se propõe a conceber a ‘pessoa’ humana, em sua realidade psicológica e sociológica, da mesma forma que a ‘pessoa’ da enunciação, ou seja, definida pelo par subjetividade-historicidade como se realiza na e pela linguagem”¹⁹ (DESSONS, 2006, p. 111).

Dessons aponta que não é irrelevante que Benveniste estivesse interessado pela fundação da linguagem nas observações de Freud. A psicanálise funda sua prática e sua teoria sobre o exercício da linguagem, residindo a verdade da análise no ato de enunciação, não em um fato enunciado. Em função disso, Dessons (2006, pp. 112-113) pontua que em “um discurso, seu valor não consiste na restituição objetiva de fatos passados, mas no ato mesmo da restituição”²⁰. Na cura analítica, Benveniste percebe a constituição da subjetividade imanente ao exercício dialógico da linguagem. Dessons (2006) constata, como um princípio fundamental da teoria da enunciação de Benveniste, o fato de o sujeito, enquanto indivíduo ético e político, não preexistir à enunciação de seu discurso. Essa questão leva a outra consideração de suma importância: a noção de tempo a partir da enunciação. Benveniste fará do tempo linguístico, “ligado à manifestação da subjetividade no discurso”²¹ (DESSONS, 2006, p. 115), o fundamento de uma teoria geral da temporalidade. Segundo

¹⁷ Tradução minha. No original: “*établie par l’instanciation du sujet dans le présent de sa parole, fait du langage la condition même de l’histoire*”.

¹⁸ Tradução minha. No original: “*processus infini de l’individuation*”.

¹⁹ Tradução minha. No original: “*(...) on peut penser qu’il propose de concevoir « la personne » humaine, dans sa réalité psychologique et sociologique, de la même façon que la « personne » de l’énonciation, c’est-à-dire définie par le couple subjectivité-historicité tel qu’il se réalise dans et par le langage*”.

²⁰ Tradução minha. No original: “*un discours, sa valeur ne consiste pas dans la restitution objective de faits passés, mais dans l’acte même de la restitution*”.

²¹ Tradução minha. No original: “*lié à la manifestation de la subjectivité dans le discours*”.





o autor, Benveniste constrói uma teoria do tempo linguístico original que se afasta do dualismo do tempo objetivo e subjetivo.

Dessons (2006, p. 119) considera que, “à luz de uma antropologia da linguagem, o tempo da linguagem aparece, portanto, como o único evento, no sentido de levar os falantes ao estatuto de sujeitos, inscrevendo-os na história, uma história que só existe através dessa instanciação”²². Decorre daí uma inadequação entre tempo crônico (espacialista) e linguístico (radicalmente enunciativo). A propriedade original da linguagem, de reinventar o presente a cada enunciação, é a constituição da historicidade. Tal concepção opõe-se ao historicismo do tempo crônico, de base sucessivista: “Toda nova enunciação funda a temporalidade a partir de um presente sempre novo”²³ (DESSONS, 2006, p. 120). O presente da enunciação funda, assim, a temporalidade e é gerador da subjetivação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve apresentação, buscamos realizar uma reflexão sobre o tempo que levasse em conta a sua dimensão enunciativa. Para tanto, observamos a construção do tempo em Walter Benjamin e em Émile Benveniste, a partir da aproximação que Giorgio Agamben (2008) faz desses autores por suas concepções de linguagem. Apoiamo-nos, ainda, nas leituras de Jeanne Marie Gagnebin (1999; 2005) e de Gérard Dessons (2006) sobre o conjunto das obras de Benjamin e de Benveniste, respectivamente. Nesse processo, os conceitos de “tempo-agora” (*Jetztzeit*) e de “enunciação” foram tematizados, tendo a noção de “atualização” como elemento aproximativo. Como observado, do ponto de vista teórico, esses conceitos possuem valores não equivalentes. No entanto, como uma consequência dessa aproximação, perguntamo-nos se o tempo-agora benjaminiano não se deixaria ser lido como um ato de enunciação distinto dos demais, respeitando suas particularidades.

Segundo Benveniste (2005, p. 131), em toda tomada da palavra, o mundo recomeça, ainda que o falante comum não o perceba. Dessons (2006, p. 13) argumenta que, nos escritos de Benveniste, o prefixo *re-* possui um peso teórico, pois é portador do valor de iteração e de invenção, assim como os pronomes *je* e *tu*. Tal ideia é derivada do “pensamento da historicidade da linguagem que especifica cada presente de fala” (DESSONS, 2006, p. 14). Para Benjamin (1987, p. 229-230), o

²² Tradução minha. No original: “*Au regard d'une anthropologie, le temps du langage apparaît donc comme le seul événement, dans le sens où il fait advenir des parlants au statut de sujets en les inscrivant dans l'histoire, une histoire qui n'existe que par cette instantiation même*”.

²³ Tradução minha. No original: “*Chaque nouvelle énonciation fonde la temporalité à partir d'un présent toujours nouveau*”.





tempo-agora, concebido como uma interrupção brutal do *continuum*, é um instante de intensidade e condensação do passado no agora, do qual emerge o valor político do messianismo. Dito de maneira simples, o *Jetztzeit* é enunciação, mas nem toda enunciação é um *Jetztzeit*. Pensamos que, como conceito, as particularidades do tempo-agora colocam foco em um aspecto da enunciação, ressaltando seu estatuto semântico-pragmático. Enunciar é agir, mas nem todo agir possui o mesmo valor. Benveniste afirma que só temos acesso ao presente, pois a instância de fala constrói o passado retrospectivamente; Benjamin, por sua vez, frisa que esse presente é repleto de história, uma vez que dialoga com outros discursos que, tendo sua enunciação evanescida, são revisitados, ressignificados. Segundo os autores, temos acesso somente ao presente, mas há a memória, acessada e reconstruída pelo presente, pela voz. O passado que emerge no presente, evocado pela memória, é sempre singular, posto que atualizado pela língua em uma nova instância enunciativa, em um novo tempo e espaço. A enunciação, o tempo da coincidência do acontecimento com a instância de fala, é o tempo da voz, onde há sujeito e, portanto, história. Nesse sentido, Benjamin e Benveniste complementam-se.

Das obras de Benjamin e de Benveniste emerge uma concepção de linguagem e de tempo que se afasta de pensamentos essencialistas, assim como o fez Saussure ao ponderar sobre a gênese do pensamento: “surpreendemos, em lugar de *ideias* dadas de antemão, *valores* que emanam do sistema” (SAUSSURE, 2012, p. 164). Na base da reflexão de ambos os autores, encontra-se a reflexão da atualização como um termo maior. A *actualisation* de Benveniste está intimamente ligada aos domínios semiótico e semântico, sendo um elemento que liga as primeiras reflexões de Benveniste sobre os pronomes até a noção de enunciação, em seus últimos escritos, posto que a língua “é a única atualização da comunicação intersubjetiva” (BENVENISTE, 2006, p. 63). A *Aktualisierung* de Benjamin é o que lhe permite metodologicamente pensar um materialismo histórico que tenha aniquilado em si próprio a ideia de progresso: “Seu conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização” (BENJAMIN, 2009, p. 502). Em suma, é próprio do homem ressignificar, e podemos falar de subjetividade e de um tempo experienciado, histórico e humano, porque falamos de interrupção do fluxo cronológico, porque falamos justamente de atualização.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.





ANJOS, A. **Lavrar a névoa**: o tempo em *Satolep*, de Vitor Ramil. Dissertação de mestrado. 2020. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, texto e imagem) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Gesammelte Schriften I.1**. Organizado por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991a.

BENJAMIN, W. **Gesammelte Schriften V**. Organizado por Rolf Tiedemann. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991b.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução: Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria Novak e Maria Neri, revisão de Isaac Salum. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução: E. Guimarães, M. Escobar, R. Figueira, V. Castro, J. Geraldi, I. Koch, com revisão técnica de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.

DESSONS, G. **Émile Benveniste**: l'invention du discours. Paris: In Press Eds, 2006.

DESSONS, G.; MESCHONNIC, H. **Traité du rythme** – des vers et des proses. Nathan: Paris, 2003.

GAGNEBIN, J. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GAGNEBIN, J. Do conceito de *darstellung* em Walter Benjamin ou verdade e beleza. **KRITERION**, V. 46, n. 112, p. 183-190, 2005.

NEUMANN, D.; ANJOS, A. A atualização da experiência humana: o poema em questão. **Revista Desenredo**, v. 16, n. 1, p. 101-113, 2020.

PACHALSKI, L.; ANJOS, A. Considerações acerca do conceito de atualização sob os pontos de vista formalista e enunciativo. **Revista Investigações**, Recife, v. 32, n. 2, p. 189-206, 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.





YUN, M. **Walter Benjamin als Zeitgenosse Bertolt Brechts:** Eine paradoxe Beziehung zwischen Nähe und Ferne. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.

Artigo recebido em: 04/02/2021

Artigo aprovado em: 21/06/2021

Artigo publicado em: 19/08/2021

COMO CITAR

ANJOS, A. G. dos. Resignificações: sobre o tempo em Walter Benjamin e em Émile Benveniste. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1-20, e02110, 2021.

